



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Porto—Papa de Sousa ■ DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO ■ Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 620—Porto

AQUI há tempos, um senhor chamou e amigavelmente deu-me de conselho que não devia continuar a albergar casas na "Aldeia dos Rapazes" semelhantes às que já estão construídas, e porquanto, dizia-lhe, os garotos das ruas não estão afeitos a conforto, nem podem nunca tê-lo, uma vez saí dos da obra. Um outro senhor, igualmente por palavras amigas, tentou persuadir-me que resultaria inútil a tolerância para com estes rapazes e que somente o castigo corporal os havia de regenerar, na medida em que o possam ser. Esses dois cavalheiros são homens de bem e falam por convicção. Ora a crítica mais perigosa, é precisamente a que sai dos homens bons.

É muito difícil destruir no espírito de qualquer homem o fruto das suas experiências, é mesmo impossível fazer com que se desviem do caminho que traçaram. A história está cheia desses factos. Não é, por isso, para me encher de razão que hoje publicamos uns extractos de *Seleccões* de Julho deste ano, mas sim para que os outros, e sobretudo os incrédulos, vejam a razão.

Chama-se *Palácios para os desherdados* o artigo a que me reporto. Diz-lhe que um médico peruano deu ao seu país duas grandes lições de assistência social. A primeira, consiste neste princípio já realizado na cidade de Lima: *é mais fácil e mais barato produzir cidadãos úteis do que sustentar homens incapazes*. O segundo princípio completa o primeiro: *grandes instituições podem ser construídas sem grandes verbas*.

Os autores do supracitado artigo, dizem que dantes os enfeitados da capital do Perú eram levados a três velhos asilos, e descrevem por palavras suas precisamente aquilo que se tem dito vezes sem conta, neste pequenino jornal, com a aprovação conscienciosa e silenciosa de grandes vultos da nossa Pátria muito querida. Os mesmos senhores do artigo, dizem mais que os asilados, eram a matéria prima que servia de sustento à mendicância e ao crime, uma vez despedidos da casa. Outra verdade que o *Gaiato* gosta muito de dizer. Falam ainda, dos pequeninos seres *metidos em imundos uniformes só para fazer mais negro e mais infeliz o destino de cada um*. De onde se conclue que os dois senhores mais eu, podíamos passear o mundo de braço dado; mesmo que as pernas de uns fossem mais compridas que as de outros, o passo havia de ser muito certinho!

Em opposição a quele dantes levantado-se no corpo do artigo a palavra *hoje*, para dizer que as crianças da mesma cidade, aquêles farrapões mortificados e amortecidos nos asilos, vivem num local considerado um dos mais

MUNITRINA SOCIAL

saúdaveis e alegres da América do Sul. No alto de um penhasco, lavado pelo Sol, lá se vêem bonitas construções no meio de árvores, jardins, parques e piscinas.

Porque temos de deixar espaço para algumas considerações, não se diz mais nada do que vem na interessante revista, que todos podem obter em qualquer quiosque (é a de Julho derradeiro. Quem tiver a curiosidade de saber, e eu folgara que a tivessem, pode comprar, lêr, pôr-se a caminho e vir até aonde a nós, observar uma humilde réplica à Obra do Médico peruano.

Sobre aquelas duas lições de assistência social, demonstradas no Perú, não há ninguém que se não curve e estremeça, pela sua simplicidade. O terrível emaranhado de que estas são revestidas, faz com que os nossos caminhos andem cheios de vadios. Fossem as obras nucleos de famílias e tudo mudava de figura.

Ao simples calor da lareira e bafó de mãe, por muito menos dinheiro do que geralmente se gasta em casas congêneres, estamos a produzir homens úteis, são e honestos. Se não foram os gastos da construção da aldeia, pela nossa pobreza e pelo nosso trabalho, havíamos de nos bastar. O nosso jornal já é hoje uma fonte de receita e amanhã, as nossas oficinas hão-de ser baluarte de alegria e de poder. Assim como são os próprios rapazes que ora garatujam, despacham e vendem por si mesmos o nosso jornal, pequeninos como são; assim também, amanhã, quando maiores, eles serão os primeiros interessados nas oficinas. Tudo na nossa organização é conduzido para este fim. Eles compreendem. Adoram este ideal. Querem ser homens, libertarem-se da miséria. Viverem com dignidade a sua própria dignidade.

Saiu daqui o Avelino para se matricular na escola comercial *Mousinho*

da *Silveira*. Estavam uns visitantes que lhe perguntaram para onde ia.
— Vou tirar o curso comercial para ser o braço direito do Sr. Padre Américo!

Assim nos relataram os visitantes. Confesso que também é esse o meu desejo, mas nunca o revelei a ninguém. Como o rapaz era aqui o meu pequenino secretário, concluiu e disse. Eles sentem a grandeza da nossa obra. *Associação de portugueses*.

Mas isto somente se obtém dentro de casas cheias de sol. Dá-me vontade de chorar quando oigo certos senhores falar do que não entendem, ou do que entendem a seu modo, que é muito pior! Deixam-nos assim a impressão de que se comprazem em fazer da miséria alheia escabelo e não gostam dos que amorosamente procuram levantá-la! Ora isto é um erro formidável.

A transformação do lixo humano que os nossos tempos teem feito, é uma obra absolutamente espiritual, onde entram dois elementos da mesma espécie, quais são a vontade e a graça. O medo do castigo e da prisão, nas casas onde isso está em uso, tolhe por si mesmo a acção individual de cada pequenino. Tratamos com almas. A alma é o homem.

As coisas santas, teem de ser tratadas santamente. Nada mais delicado do que uma alma! Assim se responde ao tal senhor bacharel, ou licenciado, como agora se diz, o qual é de opinião que *esta gente só vai à pancada*. Isto é outro erro.

Há dez anos que convivo com o lixo. Nunca bati em ninguém. De duas vezes que o fiz por impeto, chorei amargamente! Pois muito bem. Tenho assistido de muito perto à transformação destes deserdados, sem recorrer ao uso de castigos corporais. Quanto mais experiências colho, mais os reprovoy. Se eu soubesse que havia de ser escuta ro, iria pelas direcções das casas aonde se abrigam os filhos de ninguém e rogar, de joelhos, que abolissem de uma vez para sempre, os sistemas que ali adoptam. Quem não tem culpas não mereçe penas.

Não quero ser arrogante, tam pouco armar em mestre. Mestre é só um—Cristo. E nós somos todos irmãos. Não quero. O que eu pretendo, sincera e humildemente é saber que tôdas as forças se reúnem para fazerem mais e melhor.

Esteve aqui de visita um cavalheiro que faz parte da mesa de certo asilo em determinada terra. Observou a nessa vida e declarou, ao despedir-se, que se ia riscar. Mas assim não está certo. Ninguém resolve dificuldades por lhes virar as costas. Seriam greves de mãos caídas. Riscar os sistemas e sepultar as críticas. Assim é que é.



Ei-los que vão mundo em fora dar testemunho da verdade: "Olha o Gaiato!"

UMA CARTA

Não vai aqui tôda; publicam-se somente algumas passagens. Quem a escreve tem um grande título de ser escutado. É pai de nove filhos. *Vejo-me e desejo-me para os educar.* O lar é um templo. O chefe um sacerdote.

Eis uma tirada:

Da leitura do seu jornal fiquei com a impressão consoladora de que a obra há-de vingiar e há-de encontrar continuadores, pois não quero nem posso acreditar que esteja tudo perdido e tenham desaparecido os homens de coração e de cabeça, mais coração do que cabeça. Estamos fartos de sábios e de gênios.

Nesta populosa cidade onde nasci e onde vivo, a assistência ao gaiato não existe. Às vezes, falam nela, mas eu trêmo ao pensar que se faça qualquer coisa, porque antevêjo togo os uniformes, as paradas e o pontapé para a fome e para a vadiagem, ao fim de uns tantos anos de rancho, fardêta e camarata.

E os garôtos vadios, malcriados, gatunos, pululam aos milhares. Quem valerá a estes pobrinhos que não teem culpa do abandono em que vivem e a quem esperam as cadeias?

A carta fala, ainda, de certas modalidades assistenciais, verdadeira fachada, vazia de sentido e de eficácia, despida de caridade, a fazer assistência a metro ou ao quilo, com o aparato gelado de um funcionalismo insensível que atende doentes e pobres, bêlhos e crianças, como se atendem os contribuintes nas repartições públicas. É assim, meu senhor. Parece, até, que nos comprazemos em manter o estado de miséria, dada a forma como pretendemos levantá-la. É que não sentimos com o Pobre. Não nos afligimos com a sua sorte antes, cada um procura por todos os meios que nada falte em sua casa.

Quanto ao pequenino que entra para as casas de amparo por orfão ou abandonado, é outra desgraça nossa que ele não seja devidamente acompanhado até se poder governar com os seus próprios recursos. Digo desgraça nossa, mais do que deles.

António Perro

Foi em um destes domingos que ele por cá passou, de visita à nossa "aldeia". Os gaiatos esperam muito da promessa que nos foi feita. Na verdade, a vida deles pode ser documentada e correr mundo, para que todos nos conheçam melhor. Ficamos à espera, Excelentíssimo senhor, e sabemos que havemos de ter os nossos desejos realizados, em ocasião oportuna, a bem da Nação.

Não se pode dizer com verdade que sejam em bicha os visitantes à nossa aldeia, mas aos grupos, sim. Não é pela novidade; é pela verdade. Tôda a obra que assenta sobre estes alicerces, comove as almas. Atrai, inspira, irradia.

Teem aparecido aqui grupos de grande categoria. Apresentam-se e dizem quem são. O Director Geral da Polícia de Segurança. O director Geral das Alfandegas. Este disse-me que o procurasse no seu gabinete quando fosse a Lisboa, e que não havia de perder o meu tempo. Eu disse que sim com as mãos ambas.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

É o órgão que anda por enquanto na cabeça do rôl. A outras coisas de maior preço teem dito que sim. A esta não pode dizer que não.

Mais uma carta com 100\$—do meu primeiro ordenado. Ele há intenções tão subidas, de natureza tão santa, que nos obrigam a dar a estas esmolas a forma do sacramento. Naquêl dia, em uma estação de caminho de ferro, jazia num catre um homem andrajoso e muito doente, à espera do comboio. Pois foi para este irmão aquela porção do meu primeiro ordenado. Mais 20\$ para os nossos pobres. Mais uma carapuçada de notas, no Carvalhido. Mais 200\$ na Figueira da Fóz.

Mais 100\$ de algures, com a notícia de que anda uma subscrição em um dos Estados do Brazil para a Casa do Gaiato, na casa dos milhares. Já não cabe em Portugal a *Obra da Rua!* Temos ainda os dentes do leite e somos a menina dos olhos de portugueses d'além mar! Mais da Beira, Africa Oriental, um cheque de um Engenheiro hidrografo a dizer que sim. Cantando espalharei por tôda a parte... A caridade é a mais épica das grandezas! Mais de visitantes mil escudos e roupas e um Kodak. Temor já cinco dêles. Se fôr possível parar com as remessas, eu muito agradecia. Mais oiro. Mais oiro em o Depósito. Mais, ali, dinheiro e coisas.

Um apêlo. Aqui, nesta coluna de amor, deixo ficar o apêlo, em lugar bem destacado; é para roupas usadas. Roupas dos vossos filhos. Aquêl apurmo e distinção com que os nossos se apresentam em público, vem justamente do trajar roupinhas das Vossas, apurmadros e distintos. Não é só o hábito, mas também é o hábito que faz o monge. O Depósito (Rua dos Clérigos 54) está no mesmo sítio. Anda actualmente com o debaixo para cima, mas não é desordem; são obras, e que obras! Tudo está no seu pôsto. Há o mesmo espaço que dantes havia. A mesma boa vontade. Nada ali mudou. Não mudes tu!

Ali irei p'ra semana ouvir e ver as tuas notícias. Roupas de fora e ditas de dentro. Agasalhos p'ro inverno que está à porta. Não deixes que essas roupas se consumam pela traça, podendo fazer delas obras de misericórdia! Mais pancadarias de notas de pancadarias de visitantes.

Mais uma maravilhosa via crucis em catorze quadros, delicada pintura, para enriquecer a nossa capela daquilo que verdadeiramente vale. Mais uma peça de riscado pelo correio, parece que de Barcelos. Ora eis como é fácil e prático mandar peças de riscado; os condutores de malas não refilam. Assim também os que teem a paixão de dar, não precisam sair à rua; teem em casa seus telefones. O armazem manda a conta. E nós aqui ficamos todos contentes por saber que o teu gosto coincide com o nosso. Esta peça era azul. Foi um delírio na rouparia. —Ai que linda!

E mais nada.

OLEO DE FIGADO DE BACALHAU

Snr. Dr. Magano; uma palavrinha para Ilhavo e o óleo para cá, tal como aconteceu o ano passado. Fomos por aí abaixo até Lisboa, perguntar de como havia de ser, ao director do grémio dos armadores dos Navios de Pesca de Bacalhau, sito no cais do Sodré. Ele disse-nos: mande um barrivel vazio, que a gente enche e

Noticias da Casa de Miranda

por João Carlos

Chegou mais um catraio da Figueira da Foz que já estava há uns poucos de dias prêso. Era para vir há mais tempo para cá com o snr. Padre Adriano que tirou o bilhete a contar com ele e vai-se a ver saltou do comboio a baixo. Veio com os meninos que ultimamente foram vender o jornal à Figueira. Já trabalha com vontade e joga a bola muito contente. Agora já está arrependido do que fez por lá.

Já recolhemos o nosso milho todo. Deu uns oitenta alqueires. Foi apanhado pelos maiores e desfolhado e descarolado pelos miudos. Andavam todos ao despique a ver quem apanhava uma espiga com grãos prêtos. Os mais pequenitos andam agora a apanhar a azeitona que cai com o vento.

Quando acabaram as colónias tôdas, fomos nós passar três dias à Senhora da Piedade. Como tínhamos trabalhado muito para elas, também era justo que descansassemos. Fartamo-nos de gozar. Comiamos muito bem e também tratavamos da alma. Às vezes iam buscar lenha à serra mas sujavam-nos todos porque a lenha estava carbonizada com o fogo que lá houve. Quasi todos os dias iam passear acompanhados de farnel e vinho.

Outro grande incêndio devorou grande quantidade de quilómetros da Serra da Lousã. Uma enorme área de pinheiros, castanheiros, mato, e eucaliptos ficou arrasada pelo fogo. Muitos coelhos, perdizes, raposas e outros animais fugiam adiante do lume, mas muitos morriam carbonizados. Acudiu muita gente de todos os logares. Tocou-se o sino na Senhora da Piedade para muita gente acudir ao fogo que se aproximava das casas onde estavam instaladas as colónias de férias. Só se apagou ao fim de três dias.

No Lugar de Tábuas há uma Senhora que é muito nossa amiga, e por isso lhe chamamos mãe. Quando é preciso alguma coisa é só dizer assim: ó coiso, vai a casa da nossa mãe buscar isto. Há três meses para cá, que nos dá coisas quasi todos os dias. Foi a primeira senhora que nos deu pombos para o nosso viveiro. Já temos quatro.

Reabriram as aulas em nossa casa. Vão cinco meninos frequentar a 4.ª classe, três ou quatro a 3.ª e os outros a segunda e primeira classes.

Com estas notícias me despeço de todos aquêles que leram as minhas crónicas escritas no nosso jornalzinho, pois vou para o Seminário para mais tarde ajudar o Sr. Padre Américo. Em meu lugar fica provavelmente o Figueira. Peço a todos que rezem por mim.

Uma proposta

A gente anda sempre a pensar na forma como há-de procurar dinheiros dentro daquêlle procupar ameno de que *nada é caro quando são muitos a pagar.*

E eis que me ocorreu a seguinte proposição: Os senhores mai-las depósitos no banco, chegado que seja o fim do ano, tomam a canêta em suas mãos e escrevem da seguinte forma:

Senhor gerente do banco X:

«É meu desejo que no dia 31 de Dezembro, a minha conta seja aparada de forma a ficar muito redondinha, e que as pontas que ela tem, em vez de irem pró caixote do lixo, vão para a caixa da Casa do Gaiato que se encontra no Banco Espírito Santo. Espero que V. Ex.ª se não enfade com esta operação, e dê a suas ordens».

Desta sorte se enriquece a nossa aldeia com o futuro das nossas escolas, sem empobrecer ninguém. Dos pequeninos nadas se tiram grandes maravilhas. As festas rutilantes a bem da humanidade, não lhe fazem bem nenhum nem teem a eficácia das operações silenciosas e sacrificadas. Eu acredito muito, meus senhores e minhas senhoras, nas realidades que não aparecem. Tôdas as coisas vivem para Deus, mesmo as invisíveis.

Claro está que a construção do edificio das escolas, não depende do êxito da proposta de hoje. Ele vai ser feito imediatamente a seguir ao nosso hospital; e só o não é simultaneamente por falta de obreiros. Não depende. O alvitre é uma dádiva gratuita que se apresenta à consideração de todo o português de boa vontade. É, também, matéria para um exame de consciência de fim de ano. Felizes os que compreendem e realizam a operação bancária. Aquêles que não compreendem, melhor lhes fôr deitarem ao caixote do lixo não só as pontas, mas também os ramos e o tronco de tudo quanto lá tiverem, pois que na verdade — é lixo!

Fala o António da Costa

Eu de noite andava à porta dos cafés a pedir e a apanhar pontas de cigarro para fumar e depois a minha mãe não sabia de mim e andava até às duas horas a procurar-me. Esperava que às 5 horas da manhã saíssem os jornais do Janeiro para os ir vender os jornais ia outra vez para a porta dos cafés para ver se almoçava. Depois de tudo isto ia para casa e a minha mãe dava-me uma tarefa e eu ia depois dormir até à noite para voltar a fazer o mesmo. Também para a Estação de S. Bento ao carrêgo. Saía dali e ia logo ter ao Bolhão e ao Anjo pedir às vendeiras e se elas não me davam alguma coisa, de vez quando roubava. Ia para a praça da sardinha pedir sardinhas quando chegavam as caminhetas. Por andar a pedir e atrás dos eléctricos fui prêso para a casa dos pobres seis vezes. Agora já não sou assim e estou cá muito bem e o meu trabalho é andar à erva e cuidar o gado.

Já há muito tempo que nenhum dos nossos moicanos aparecia em público, a pregar. Vem hoje à tribuna o António da Costa, o «Pernas. Tanto visitantes como visitados, eu gosto muito que sejam uns e outros, por si mesmo é com palavras suas, a narrar ao mundo as impressões. Não gosto de interpretar. Não poderia fazê-lo. Interpretação é confusão, são ideias semelhantes.

Que o público escute o pequenino pregador.

Os nossos assinantes

CARTA DA Obra do Ardina

Crónica da nossa Aldeia

Por JOSÉ EDUARDO

DO JORNAL

persar
rocurar
rincipio
quando
...
X:
dia 31
ta seja
muito
pontas
em pró
caixa
ncontra
Espero
le com
rdens».
a nossa
nossas
nguém.
tiram
as ruti-
le, não
n teem
nciosas
muito,
nhoras,
recem.
Deus,
ção do
pende
e. Ele
seguir
não é
obrei-
é uma
enta à
tuguês
maté-
ciência
e com-
eração
com-
a dei-
só as
o e o
verem,
o!
osta
ta dos
ntas de
mha
va até
perava
sem os
vender
a porta
noçava.
sa e a
in e eu
para
ambém
arrêgo.
lhão e
s e se
visa, de
para a
rdinhãs
s. Por
ctricos
res seis
e estou
andar
um dos
público,
o An-
to visi-
muito
mesmo
rar ao
osto de
o. In-
nias se-
uenino

Fernando Pinto da Cruz, Famalicão, 20\$; Alvaro Barbosa Pereira, Parada, 20\$; Maria Clementina de Oliveira, Leiria, 70\$; António Agostinho Dias, Évora, 50\$; Maria Inácia Homem, Évora, 500\$; António Augusto Gonçalves da Costa, Paredes, 20\$; Dr. José Mendes Moreira, Paredes, 50\$; Adélia Evaristo, Povoia de Varzim, 50\$; Padre Manuel da Costa Gomes, Povoia de Varzim, 20\$; Maria Rosa Quintas, Barcelos, 20\$; Horácio Mieiro, Sangalhos, 20\$; Padre Artur Correia de Figueiredo, Alvarenga, 20\$; Simão Morais Botelho, Alvarenga, 20\$; Padre Alberto Cosme do Amaral, Resende, 25\$; Manuel Azevedo Araújo, S. João da Madeira, 25\$00; Maria Teresa Martins de Carvalho, Estoril, 30\$; Aida Macedo Dias Pinheiro, Moledo, 50\$; Judith Jacquet, Parede, 50\$; Alice Jorge, Parede, 30\$; Maria Fernanda da Mota Cardoso, Ferreira do Zézere, 20\$; Dr. António Martins Godinho (2 anos), Ferreira do Zézere, 50\$; Manuel Fernandes de Abreu, Caxarias, 50\$; Pedro de Melo Sampaio, Espinho, 20\$; Maria do Céu Pereira da Rocha, Espinho, 25\$; Amadeu Fragoso de Morais, Espinho, 50\$; José Carvalho Santiago, Unhais da Serra, 20\$; Messias Dias Coelho, Pinzô, 15\$; António Rebelo Pinto Lino Neto, Cruz do Campo, 50\$; Padre Miguel de Amorim, S. Martinho do Pôrto, 40\$; Menino Artur Nicolau da Costa Junior, Casal delo, 25\$; Menina Maria Antónia Costa Corte Real, 25\$; Maria Teresa Correia da Silva, 50\$; Abade de Fridão, Amarante, 20\$; Flora Matos, S. Braz de Alportel, 10\$; Maria Jesuina Gonçalves, S. Braz de Alportel, 20\$; Isabel Maria Madeira, Olhão, 15\$; Maria Clementina Lopes, Olhão, 20\$; Alfredo Frias Magalhães, Mesão-Frio, 20\$; Manuel Francisco Assis Peixoto de Amorim, S. Romão do Coronado, 100\$; Virginia Pinto de Queiroz, Senhora da Hora, 20\$; Menino José Joaquim Figueiredo Barbosa, Vila N. de Gaia, 30\$; Padre Abilio Fernandes Dinis, Ervedal, 20\$; Maria Angelina Correia Neves, Lamego, 20\$; Dr. Casimiro A. Ribeiro da Rocha, Lourenço Marques, 30\$; Padre Henrique da Silva Louro, Vila Fernando, 40\$; Mario Cardoso Pimenta, Quelimane 100\$; Padre José Rodrigues Lobo, Oliveira do Hospital, 50\$; João Bernardes, Batalha, 25\$; Dr. Manuel de Oliveira, Anadia, 20\$; José Jôya de Noronha, Moura, 40\$; Joaquim de Sousa Correia, Lousada, 25\$; Antónia Goucha Soares, Porto de Mós, 20\$; Américo Pais do Couto (2 anos), Mealhada, 200\$; Victor Pais, Figueira da Foz, 25\$; Maria Augusta Fernandes Lima, Esposende, 20\$; Abade de Borba de Godim, Lixa, 50\$; Maria Nazaré Cabral Pinto, Penalva do Castelo, 50\$; António Henriques da Silva, Besteiros, 20\$; Maria Emilia Cardoso, Matozinhos, 30\$; Dr. Mario Silva, Oliveira de Frades, 60\$; Dr. Eurico Gomes de Almeida, Oliveira de Frades, 50\$; Rosa Parente Pires, Viana do Castelo, 30\$; Artur Trindade Costa, Leça da Palmeira, 25\$; Primeiro-Tenente António da Cunha Aragão, Leixões, 25\$; Arminda Proença, Viana do Castelo, 30\$; Maria Sofia Amorim P. dos Santos, Viana do Castelo, 50\$; Henrique Louro Fernandes, Setubal, 200\$; Meninos Alfredo e Artur de Magalhães e Castro, Marco, 30\$; Maria Dolores Valadares Celso, Ribeira de Pena, 20\$; Dr. José Rolo, Anadia, 20\$; Maria Dourado Cardoso da Silva, Paços de Ferreira, 50\$; Maria Henriqueta Guedes Carneiro Giraldes, Penafiel, 50\$.

Calçada da Glória, 39 — LISBOA

E' de Lisboa que te escrevemos, e que... te pedimos ajuda, leitor amigo!

Precisamos dinheiro, muito dinheiro. Mobília, loiça, géneros, etc., etc.

Precisamos donativos fixos, embora não queiramos ter cotas, nem subscritores...

Alguem de Setubal comeve-nos: de dois em dois dias, e às vezes todos os dias, no mês de Agosto e Setembro, um pacote de livros saía de Setubal, com rumo à Calçada da Glória 39...

Mas há mais persistências generosas. Desde Dezembro que de Matozinhos nos vem 50\$00 mensais pelo correio. Assina-se: anónimo B e pede com requintes de gentileza que aceitemos. Uma senhora, todos os meses vai entregar 100\$00 à «Casa do Ardina», e num envelope à máquina, com uns dizeres igualmente à máquina: «Para a Casa do Ardina», costumamos receber 100\$00 e 200\$00 durate o ano lectivo. Alguem que não ganha no verão, pensamos.

Há donativos que devem ser permanentes, sem quasi darmos por tal. Em Janeiro, recebemos uma lata de bolachas e o pequeno que foi à porta perguntou de quem era. «Da senhora do costume...»

E... não sabemos quem é que tem tão lindo e generoso costume!

Da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus, a mesma generosa persistencia. Todos os meses 100\$00 e nas alturas mais aflitivas são-lhes feitos uns «crescentosinhos»...

Bemditas persistencias, que nos ajudam a caminhar! Que outras se lhes venham juntar, e que, dentro em pouco, nós saibamos um bocadinho mais o que é o dia de amanhã!

Tanto mais que as despesas vão dobrar e é preciso que as receitas de generosidades dobrem também...

Se tu visses os bons resultados obtidos pela «Obra do Ardina», no ardina e na sua familia, davas por bem empregue o dinheiro que lá pusses a render.. socialmente!...

Prometemos-te juro de... consolações, que é o que temos...

MARIA LUISA

Este número de «O GAIATO» foi visado pela Censura

POBRES DE CRISTO

Continuamos a visitar os pobres. O de Bairros está na mesma. O de São Lourenço também tem poucos dias de vida. Anda muito tropego das pernas e cada vez pior. As do Assento são as que vão melhor. A do Leal ainda não recebeu a roupa que me pediu. Por isso lembro aos estimados leitores que não se esqueçam destes miseráveis pobres que tanto necessitam da ajuda dos que podem.

O Secretário,
JOSÉ EDUARDO

Eu fiz anos no dia 2 de Outubro e deram-me algumas prendas. Dois pares de meias, uma carteira, uns botões de punho, um barquito e um relógio. O barquito dei-o a um pequenito porque já não sou menino pequenino além de ter só doze anos feitos há pouco. Muito obrigado a quem teve a fineza de me dar essas prendas.

Já andamos a colher todo o nosso milho. Os campos já não têm aquela verdura nem aquela cor amarelada do folhelho da espiga. Andam aí alguns com espigas de milho-rei; dizem eles que dá sorte.

Começaram as escolas que nós tanto suspiravamos, principalmente os que andavam na terceira para a quarta. Estão ansiosos por fazerem exame para irem para o Pôrto empregarem-se. Se o Sr. P.º Américo cá tivesse quinze preparados já os mandava para o Pôrto ganharem o pão com o suor do seu rosto.

A nossa estrada já vai muito adiantado e já andam a fazer o portal para os carros dos visitantes e nosso lá circularém.

Já estão duas casas habitadas e daí a pouco ficam também a casa-mãe e a outra casa-familia. As oficinas e a capela também vão muito adiantadas. Já andam também a começar os alcerces da enfermaria.

O jôgo que nos está a dar mais interesse é o das malhas. Daí a pouco vem o tempo dos piões e pôr-se-ão de lado as malhas. Por isso lembrava aos leitores do pequenino e interessante jornal se se lembravam de mandar para cá alguns piões.

O Avelino foi para o Pôrto para se matricular na Escola Mousinho da Silveira para onde irei e onde já andam o Júlio mai-lo Ferreirinha.

Como é tempo da caça, o Carlos que é um bom caçador, matou só num dia com a figa sete pardais. Por isso comeu na mesa do Sr. P.º Américo.

Quando o Sr. P.º Américo nos quer premiar manda-nos comer ao seu lado direito, o que é uma grande honra.

Com a da último número, despediram-se os nossos rapazes das praias onde costumavam ir. Eles antes querem vender no Pôrto. Dizem mesmo que no Pôrto é que é. Fêem ali os seus lugares de boa praça; fregueses certos, gente conhecida. O Avelino fez a sua estreia no Pôrto. Perguntei ao Amadeu que tal se tinha portado. — Vende bem; chateia!

Esta palavra e outras menes reverentes que eles empregam no discurso, impedem que eu tome aqui dentro posição importante. Não posso, por isso mesmo, ir além do assistentinho que tenho sido até aqui. Os de Paço de Sousa chegaram tristes. Perderam o comboio. Vieram uns por cada vez. O Oscar, que veio um dia depois chorava de tristeza. Eles são audazes, sim, mas pequeninos. Gostam de andar em rebanho.

A venda manteve-se desta vez tão animada como nas precedentes. O Amadeu vai à frente e o Oscar logo atrás. Eles continuam a ser fiéis não aceitando nada nos cafés como lhes está recomendado. E' uma força espiritual a obediência livre, a distância, nascida do interior. Repercuta as almas. E' absolutamente construtiva. Nós somos um farol; cada pequeno é um facho.

Venderam alguns livros, trouxeram uma pancadaria de assinaturas de tôdas as partes do país. Nunca tão poucos fizeram tanto pela nação! Na verdade, o povo não gosta nada de ver esta sorte de crianças emparedadas nas trevas dos casarões. Antes querê-los cá fora a conviver desde já com a sociedade; a chamar às coisas pelo nome, a tomar contacto; a fazer amigos. Nunca tão poucos fizeram tanto!

O Amadeu despachou 360 jornais e trouxe 95\$00 de acréscimos. O Oscar deu conta de 250 com 33\$ de acréscimos. O Avelino, o da estreia, despachou 150 jornais e trouxe nada menos de 88\$ a mais. Do Ferreirinha não temos nada a dizer; vendeu 142 Gaiatos e deu a mais 64\$. Vem agora o Rui de Abrantes a dar muito boa conta de si, com a venda de 170 e 72\$ que lhe deram. O Mondim não vale um figo pêco. Ninguém o atura em casa para ir vender o jornal e só despachou quarenta e um números. Salvou-se nos acréscimos com 19\$. O Rodrigo também tem decaído muito. Em duas sortidas que fez arranjou 18\$ e vendeu 57 jornais. O Luciano é o Sr. da casa. Já me pediu uma navalha de barba... Planta-se nas escadas da Igreja dos Congregados e dali não arreda. Vendeu 45 jornais e deu 10\$50 de acréscimos. O António de Cête é um grande refilão para a freguesia—*Ande lá, compre!* Consta-me que há dias esteve para levar dois sócos dum freguês mal humorado. O Adriano anda muito por baixo; só vendeu 40 e trouxe 18\$ a mais. O Carlos Alberto dou pouca faisca; vendeu 30 e trouxe 12\$50. O Júlio anda sempre em boa marca; despachou 130 e trouxe 12\$ a mais. O Bernardino é o tagarela número um da nossa casa e não faz senão teimar em como há-de ser o melhor na próxima venda. Pois só vendeu 33 e trouxe a miséria de 4\$ de acréscimos! Ora tome lá Sr. Bernardino! O Fernando vendeu poucos, sim mas nunca a bôca se lhe abriu para dizer aos outros que faz e que acontece.

NOTÍCIAS MUNDIAIS

O Alfredo foi ao Pinto Leite fazer uma radioscopia; ficou de voltar depois de quinze dias. Foi-lhe dito que este e outros trabalhos para a nossa casa, seriam gratuitos; honra lhe seja Sr. Doutor. Ai de nós se não fossem estas e outras simpatias!

Parece não ser evolutivo o caso do Alfredo. Nadametira tanto as horas de dormir como o receio de que o mal de pulmões entre nas nossas casas. Para onde os havíamos de levar? Ele há muito mais teorias, neste capítulo, do que realizações! Tenho de fazer aqui um acto público de fé, pois se todos quantos nós recebemos ou vêm ter por si mesmos à nossa porta, são herdeiros directos desse mal comum; mal que dizem não perdoar a ninguém, e a nós perdoar! Para não irmos mais longe, temos aqui o nosso Orlando, que viu a mãe no caixão, o pai da mesma sorte; dormiu até à agonia dum irmãozinho na mesma enxerga e hoje tem um rosto tão lindo como as maçãs de cuco! Como este, muitos outros. Tenho que fazer um acto de fé.

O Inácio esteve no leito por alguns dias. O Zé dos Guindais, está presentemente sob os olhos do médico. O Rato Cozido mai-lo Cigano foram retirados das suas obrigações. As nossas vacas leiteiras têm sido as principais amigas dos pequeninos enfermos.

ESTIVE na Casa do Pôrto e ali soube que o Mondim tinha sido procurado por alguém que lhe deu dinheiro e fez promessas de uma vida alta e larga, num futuro muito próximo. Nós guardamos debaixo das nossas telhas interessantes episódios de que a vida é feita. A ajuizar pelo que o pequeno me disse, temos um paírico que vem em demanda de seu filho. Com certeza não o pôde fazer desde o ventre da mãe, mas ainda vem a tempo! Tarde, é melhor do que nunca. Porém, já que vem a talhe de foice, desejo fazer aqui um esclarecimento: nunca ninguém deve entregar dinheiros ou valores aos nossos rapazes pessoalmente. Nem tampouco perguntar-lhes se lhes foi entregue a coisa que pelo correio enviaram. Eles aqui não têm nada seu. Nós vivemos em perfeita comunidade. O comunismo da nossa aldeia, não é um sistema de vida; é a vida. A nossa vida. Dar-lhes dinheiro ou coisas com o recadinho isto é para ti, o mesmo é que ensinar-lhe o antipático individualismo. Ora eles não têm essa escola. O que trazem do Porto, não usam, mas entregam em casa religiosamente para ser repartido por todos. O outro mal que se me afigura ser péssimo, foi o haver-se prometido ao pequenino gaiato um futuro de mundos e de fundos. Ele é o pequenino cozinheiro da comunidade do Porto. Ocupa as suas horas em trabalho delicioso e alegre. Dá de comer aos seus irmãos. E' feliz. Mas eis que vem um senhor alvoroçar a sua alma com as miragens do Liceu e das Colónias, e o pequenino podia começar a perder o amor pela vida que tem, fiado noutra melhor. Não está certo.

Isto é nada mais, nada menos do que o fruto dos erros da assistência, que manda embora o assistido aos tantos anos de idade e este senhor levado por tal corrente, começa a preparar o futuro daquele por quem se interessa. Mas nós somos uma palavra nova. Nós não marcamos idades nem horas de saída. A nossa obra tem dentro de si tais recursos, que oferece aos seus filhos as mais sólidas oportunidades. No capítulo de estudos, nós já os temos no sétimo ano do liceu. Muitos, frequentam escolas do Comércio e Indústria.

Deixem-me estar os rapazes em boa paz. Não me desfalquem a *Obra* dos valores com que eu conto. Eu sei a terra que piso, a direcção que levo, o fim a que devo chegar. Os condutores da *Obra* não-de sair da massa que cá temos. Não é amigo de Portugal, aquêlo ou aquêla que chama à sala os meus rapazes para falar com eles, antes de primeiro falar comigo.

Não sei quem mais culpar; se o Paí legítimo, profissional das ruas, que vem

buscar o filho para a rua ou se o ilegítimo, bem colocado na vida, que vem tentar o menino para doutorices. Nem um nem outro o fazem por mal, mas o certo é que fazem tão mal à organização, que eu tenciono mandar um S. O. S. ao Ministro da Justiça, que me defenda de ambos.

A PARECERAM ontem no nosso refeitório, suspensas na parede e pintadas em tábuas de pinho, a vitória e derrota de clubes de futebol, conforme a paixão de cada um. Não sei se será maior o barulho aqui em casa do que nos campos da disputa! Os de paixão mais vermelha levam tão longe o seu entusiasmo, que vão suspender as mesmas tábuas nos muros da nossa quinta que dão para a via pública! Eu cá gosto que os rapazes vibrem e que tenham opinião.

VEIO aqui uma mulher alta, ainda nova que tem um filho na nossa casa. Perguntou pelo P.º Américo. Disse-lhe que estava doente e que não podia aparecer. Ela insistiu. Quero ir aonde ele está. *Eu quero ver o homem que guarda o meu filho!* Como ela havia de amar o pai do seu filho se ele tivesse nascido de um acto santo e legítimo! Como é tristemente verdade que o peço tem a força e o veneno suficientes para derrancar as aspirações mais sublimes da nossa alma! Quanta beleza destruída; quantos leitões desmornados; quanta amargura de lágrimas! E' ele há quem não acredite no dogma do pecado!

AQUI há tempos apareceu aí numa das nossas casas, uma mulher muito suja e muito mal trajada à procura de certo rapaz. Foi-se chamar. Aparece.—*O' minha mãe; vocemecê aparece aqui tão suja! Vá-se lavar já!* O pequenino dantes era assim também, mas agora, por andar limpo e viver no asseio, quer que a sua mãe se lave! Outra lição: um dos nossos rapazes, foi aviar um recado a uma certa cidade, sua terra natal. Encontrou uma pessoa de sua família, mas não lhe falou:—*Porquê rapaz?—Andava por lá à mistura com aqueles homens que vendem pentes e ganchos do cabelo!* Precisamente era este meio onde o meu filho de hoje vivia ontem! Meus senhores e minhas senhoras, eis de como se operam as transformações da alma! O pequenino há-de compreender por si. Ele há-de conquistar. Mas isto só é possível deixando-os perfeitamente à vontade.

Outra vez meus senhores e minhas senhoras: este regimen à vontade, há-de ser vivido em casas limpas, belas, airozas. Horizontes, frescura, muito sabão. Flores, lareira; e só depois é que vem a transformação.

O Mondim veio da Casa do Pôrto passar dois dias de férias. Trouxe um avião ao nosso mais pequenino.

TENHO muita pena de informar os meus leitores do primeiro sarilho que teve lugar nas novas habitações da nossa aldeia. Foi levantado pelo Periquito, como não podia deixar de ser. Ele é o nosso primeiro refilão. Tomou-se com o chefe e saiu da casa para o terceiro de onde o desafiou: *Anda cá pra fora!* Foi chamado em socorro o chefe da casa n.º 2, o Fernando, o qual apanhou no caminho um pai e o Periquito teve de se calar.

A malta ficou muito contente com a atitude pronta do Fernando.

A nossa obra, pelas proporções que leva, é um assunto forçado da conversa de gregos e de troianos, nestas e noutras regiões. Alvoçam-se.

Afligem-se. Irritam-se. Disputam. E' um arrepiar de pêlo do dorso, como acontece aos cães atrás das velocidades. Eis o exemplo: *«Ele cuida que nos engana, mas não (o ele sou eu). Aquelas casas não são para garotos da rua; são mas é para frades. Quando estiver tudo pronto vem lá uma récula deles e vão-se embora os cachopos».*

O Jerónimo não era rapaz da rua. Vivia em extrema pobreza com sua mãe viúva, num sitio perto de Vidago, e de lá veio para Paço-de-Sousa. Por não precisar de fazer *noviciado*, colocou-se dias depois no Pôrto. Ora a mãe escrevia ao filho cartinhas muito choradas. O filho fazia da mesma sorte à mãe, de onde resultou ter o pequeno desaparecido com o primeiro ordenado que recebeu. Deve estar a estas horas ao pé da sua *mãezinha* e ela muito contente por apertar ao peito o seu menino.

FÉZ-SE aqui à malta um apêlo solene para sapateiros, carpinteiros, serralheiros, e um barbeiro. Respondeu o Periquito para a última profissão, na qual se tem mostrado muito capaz. Já rapa os de casa. Pediu-me, há dias, se podia cortar o cabelo à homem, e eu disse que sim. Mal parecia andar o barbeiro rapado. O Inácio levantou o dedo para sapateiro. O Celso já dá aos foles. Esperemos pelo resto.

O *Compadre Chegadinho* está em vespas de receber um grande prémio naquele mesmo lugar e aquela mesma hora em que recebeu um tremendo castigo. Nunca mais fugiu! A's oito da manhã, por amor do seu zêlo, podem os encarregados servir leite e papas de milho à comunidade. A's sete, acende ele a fogueira na casa do forno, tendo por ajudante o pequenino Cândido dos Guindais. Honra seja ao Chegadinho!

PASSEI agora mesmo pela nossa cozinha. São cinco do tarde. O Inácio dá merenda de pão e sardinhas, fora da porta, ao grosso da malta enquanto que o Elvas, dentro da cozinha e à beira do fogão, serve taças de leite quente aos dos mais pequeninos e mais fracos. E' bom que se saiba que ainda não está tudo destruído no mundo!... E'teve aqui uma família do Pôrto. Duas mães sentaram-se na cozinha a contemplar um quadro semelhante a este, em uma outra ocasião. Não tiveram palavras para dizer o que sentiam. Declararam que não eram capazes de fazer em casa, com seus filhos, o que nós aqui fazemos com cem rapazes. E falaram com amargura das exigências das teimosias e dos beicinhos que vão em casa delas, às horas da comida. Quem tem tudo de tudo, está naturalmente apto a exigir muito mais. Quem nunca teve nada contenta-se com pouco e sente-se feliz.

FUGIRAM de cá no próprio dia em que vieram, três irmãos do concelho de Paredes e da mesma sorte, um do concelho de Felgueiras. E da mesma sorte um do concelho de Penafiel. Nós já tínhamos esta experiência colhida na Casa de Miranda. Estas obras não servem para os vizinhos. Nem os vizinhos gostam delas.

O nosso pequenino Filipe, sobe a cima de uma pedra e pouso os lábios na bica de uma das nossas fontes. Bebeu e bebeu e bebeu. Acabado que foi e ainda empoleirado na pedra, veio um passarinho formoso que se regalou de beber da mesma água, a olhar r'ó Filipe. E' bom que se saiba que

dentro do mundo onde os homens não cabem, existe um pequenino mundo, onde bebem da mesma água e ao mesmo tempo, crianças e passarinhos!

O Amadeu mai-lo Oscar foram a Lousada em viagem de propaganda e no regresso, contaram maravilhas das belezas da terra e da bondade dos senhores. Venderam jornais. Venderam livros. Trouxeram esmolas. Viva o povo de Lousada!

EU contei; eram nada menos de doze os que entraram pela porta do meu quarto, a mostrar uma cadeliça que nos tinha fugido, a qual vinha no grupo, a lambor os pés de todos, contentíssima. Ouvi dozas histórias, numa gritaria de botar abaixo, de como ela tinha saído e como fôra o seu regresso. Sairam todos do quarto. O Elvas ficou e disse-me a sua opinião: *aqui é melhor!* E' verdade; o rapaz tem razão.

O Zé Eduardo anda em sérios riscos de ser novamente rapado. Não que tenha cometido faltas graves para merecer tal castigo, mas é que perde um r'or de tempo:—*O coisa ageita aqui a risco!* O Periquito é quem ele de ordinário convida para ageitar o penteado. Ora isto não está nada certo.

As nossas merendas têm sido feitas de sardinhas, agora que elas chegam gordas e em muita abundância. Um cento de cada vez. *Compadre* essa. Inácio, parte a boroa. *Santinha de pau*, vai ó vinho. Quem quizer ver o bonito venha cá.

Nota officiosa

O próximo numero de «O Gaiato» há-de sair como calhar. Fica tudo à conta dos ilustres cronistas de Miranda, de Coimbra, de Paço de Sousa e do Pôrto. Eu vou-me retirar para um lugar indeterminado a comer batatas e a tomar FITINA. Se alguém tiver ou souber quem tenha PROMONTA, muito grato ficaria se me mandassem alguma em pó ou em pastilhas.

O nosso ano lectivo

Ficamos com três cursos escolares, dois de dia e um de noite. E' muito difícil harmonizar o tempo e fazer que dentro dele caibam o ABC, a catequese e a moral, os trabalhos domésticos, os trabalhos do campo, os ditos profissionais. E' muito difícil, porquanto, da nossa população infantil há-de sair pano para tôdas estas mangas. Difícil, mas não impossível. Cá vamos cantando e rindo...